

Epistemologias da metamorfose:

unworlding e o pensamento vegetal

Luiza de Aguiar Borges¹

93

Em “O capitalismo e o real”, um dos ensaios que compõem *Realismo capitalista*, de Mark Fisher, o filósofo define o conceito homônimo como “uma atmosfera abrangente, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação — agindo como uma espécie de barreira invisível, bloqueando o pensamento e a ação” (FISHER, 2020, p. 33). No entanto, esse realismo capaz de se adaptar ao ritmo dos avanços do neoliberalismo, que tornam “impossível o que costumava ser praticável” e convertem “em fonte de lucro (para a oligarquia dominante) o que não costumava ser” (BADIOU *apud* FISHER, 2020, p. 34-35), esconde-se por trás de uma “ontologia empresarial”, fazendo-nos perder de vista a diferença esclarecedora entre a realidade e o Real, diferença que, assim que percebida, funcionaria como uma estratégia contra a realidade apresentada pelo capitalismo. Se o Real é, na esteira do pensamento lacaniano, “um x irrepresentável, um vazio traumático que só pode ser vislumbrado nas fraturas e inconsistências no campo da realidade aparente” (FISHER, 2020, p. 35), uma dessas fraturas, defende Fisher, é a catástrofe ambiental que, incorporada pela propaganda neoliberal, escancara

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da mesma instituição.

ainda mais a “estrutura de fantasia da qual o realismo capitalista depende”, a saber: a ilusão dos recursos naturais ilimitados e da capacidade resolutiva do mercado.

A necessidade de lidar com as consequências dessa catástrofe ambiental parece ter inspirado a predominância, principalmente nos dois últimos anos pandêmicos, da temática vegetal na produção cultural brasileira e internacional, como sugere o princípio de uma “virada ecológica” — nas palavras de Artur Giorgi, em “A virada ecológica: entre a mimese e o mimetismo” — ou uma “virada vegetal” — nas palavras de Evando Nascimento, em *O pensamento vegetal*. Para Giorgi, a abertura dos espaços acadêmicos para o pensamento da natureza indica a tentativa de “disseminar formas de pensamento e de ação que não apenas resistam, mas sobretudo sejam capazes de reverter os inúmeros males causados pela domesticação das vidas e a exploração hiperbólica do mundo” (GIORGI, 2021, *online*), apoiada pela constatação de que a oposição entre cultura e natureza foi, precisamente, a desencadeadora das práticas destrutivas em questão. Para além do protagonismo dos elementos naturais nas produções artísticas, a Giorgi interessa “colocar o pensamento que sustenta esses motivos *em funcionamento*, ao modo de proposições para uma comunidade possível” (GIORGI, 2021, *on-line*).

Em *O pensamento vegetal*, também publicado em 2021, Nascimento reconhece que “as plantas nos ajudam a abalar a certeza socrático-platônica de que tudo tem uma essência, e que tal essência remete a uma profundidade ideal do Ser” (NASCIMENTO, 2021, p. 19). Dessa forma, o pensamento das plantas contesta a tradicional percepção da superioridade do *homem* e a conseqüente inferioridade de todas as outras formas de vida, para, nesse movimento, pôr em xeque “o duplo processo de *desumanização* dos humanos por si próprios e o de assujeitamento e aniquilação dos não humanos pelos mesmos humanos” (NASCIMENTO, 2021, p. 21). Esse questionamento só é possível quando o pensamento vegetal se coloca além do par humanismo/anti-humanismo, uma vez que

indaga radicalmente todas as formações conceituais centradas no humano e no animal, pondo também em relevo as plantas, os fungos, as bactérias,

os vírus, os minerais, as coisas, as máquinas e os fenômenos ditos naturais. (NASCIMENTO, 2021, p. 25)

Um pensamento divergente opera, conseqüentemente, via uma linguagem distinta: as plantas, através de conexões inatas, comunicam-se entre si, com outras formas de vida e com o mundo, de forma não hierarquizada. Desse modo, ao permitir o desvio do olhar para as conexões estabelecidas entre as diversas vidas não-humanas, os fenômenos naturais e até mesmo as formas inorgânicas, as plantas, dotadas de uma “estrutura essencialmente modular” (NASCIMENTO, 2021, p. 33), inspiram uma “escrita descentrada”, afeita ao experimento e capaz de, como Evando Nascimento pontua, “pensar o impensado e o impensável das culturas”. Essa escrita descentrada só é possível a partir de uma linguagem também descentrada: a descentralização obedece a uma ética de comunicação planetária, da qual Nascimento enfatiza o *comum*, não como uma “força de reunião e de homogeneidade de comportamentos e ações”, mas um “compartilhamento irrefreável de experiências e valores” (NASCIMENTO, 2021, p. 33). Descentralizar a escrita — que significa, também, descentralizar o pensamento — é, conseqüentemente, torná-la *comum*, num sentido que remete aos trabalhos de Roberto Esposito e de Christian Laval e Pierre Dardot², a saber: o questionamento das fronteiras identitárias dos indivíduos (estamos invariavelmente *inseridos no outro*) e, a partir dessa proposição, o *compartilhamento* de experiências entre os seres de forma integral — ou *planetária*.

95

² Referimo-nos ao conceito discutido nas obras *Communitas*, de Roberto Esposito, publicada em 1998, e *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*, de Christian Laval e Pierre Dardot, publicada em 2014. Em *Communitas* e nas obras posteriores, Esposito pensa o *comum* como o contrário do *próprio*, aquilo que liga as pessoas em sua impropriedade inerente: “los miembros de la comunidad, más que identificarse por una común pertenencia, están vinculados por un deber recíproco de dar, por una ley que obliga a salir de sí para volverse al otro y llegar casi a expropiarse en su favor” (ESPOSITO, 2009, p. 97). Em *Comum*, Laval e Dardot, no trabalho de uma “arqueologia do comum”, concluem que o termo “é particularmente apto a designar o princípio político da *coobrigação* para todos que estejam engajados numa mesma atividade. Ele dá a entender o duplo sentido presente em *munus*: ao mesmo tempo obrigação e participação numa mesma ‘tarefa’ ou numa mesma ‘atividade’ [...]. Em sentido estrito, o princípio político do comum será enunciado nos seguintes termos: ‘Existe obrigação apenas entre os que participam de uma mesma atividade ou de uma mesma tarefa’. Exclui-se, como consequência, a possibilidade de a obrigação se fundamentar num pertencimento que seria independente da atividade” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 25).

O “pensamento planetário” foi, especificamente, tema de um ensaio publicado por Yuk Hui em dezembro de 2020. Em “For a Planetary Thinking”, Hui situa o pensamento planetário no polo do multinaturalismo pensado por Eduardo Viveiros de Castro³, em oposição ao multiculturalismo, associado à homogeneidade da globalização. O pensamento planetário é definido pelo filósofo, portanto, como a valorização da diversidade em suas múltiplas modalidades: a biodiversidade, a noodiversidade e a tecnodiversidade. Tanto a biodiversidade quanto a noodiversidade colaboram, de forma geral, com a tecnodiversidade, uma vez que esta se apoia precisamente na recusa às maneiras homogêneas, mascaradas como universais, de lidar com as relações entre os humanos e os não humanos. Nas palavras de Hui,

Planetary thinking is not about the *preservation* of diversity, which posits itself against the external destruction, but rather the *creation* of diversity. This diversification is grounded in the recognition of locality — not simply to preserve its traditions (though they remain essential), but also to innovate in the service of locality. [...] Diversification is the imperative for a planetary thinking to come, and this in turn demands a return to the earth. (HUI, 2020, p. 5-6)

96

O pensamento planetário defende o redirecionamento do olhar humano para a terra, sem ignorar a destruição externa, sem necessariamente privilegiar a *preservação* de uma condição, mas, em seu lugar, a criação. Ao recusar a utopia da “iluminação Zan ou revelação cristã”, Hui insiste que o homem reconheça o mundo em seu “estado de catástrofe” e que seja precisamente essa visão que o leve a questionar a estrutura que sustenta os sistemas para, assim, “accommodate new forms of life in a post-metaphysical world” (HUI, 2020, p. 6).

Paralelamente, a partir do ano de 2021, Jack Halberstam, professor do programa de Literatura Comparada da Columbia University, passou a

³ Cf. VIVEIROS DE CASTRO, E. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

desenvolver, com o suporte da produção de artistas estadunidenses da década de 1970, como Alvin Baltrop e Gordon Matta-Clark, uma abordagem teórica baseada no conceito de *unworlding*, ligado, por sua vez, a uma “estética do colapso”, colapso esse simbolizado, principalmente, pelas imagens de destruição e abandono do espaço público, pelos quais os ciclos econômicos de alternância entre crescimento e declínio foram responsáveis.

Por *unworlding*, Halberstam entende o ato de des-edificar o mundo, o *desmundializar* — ou, como se referia Edgar Morin ainda em 2010, em um artigo publicado no *Le Monde*, a *démon-dialisation* em favor da metamorfose: “Quand un système est incapable de traiter ses problèmes vitaux, il se dégrade, se désintègre ou alors il est capable de susciter un meta-système à même de traiter ses problèmes : il se métamorphose” (MORIN, 2010, *on-line*). A metamorfose — a mesma que se percebe no reino animal — é “plus riche que l'idée de révolution, en garde la radicalité transformatrice, mais la lie à la conservation (de la vie, de l'héritage des cultures)” (MORIN, 2010, *on-line*).

97

Dez anos depois, Halberstam encara a *desmundialização* como um pensamento que transita na contramão dos “sonhos utópicos reformulados”, os quais costumam acompanhar as respostas às crises da suposta soberania do homem às outras formas de vida ou à natureza de forma geral: trata-se de não conservar a expectativa passiva de uma reconstrução, mas valorizar o potencial transformador do colapso, sobretudo num momento em que o próprio pensamento utópico já se encontra absorvido pelo capitalismo neoliberal⁴.

Através dessa “epistemologia do colapso”, Halberstam pretende

⁴ Em “The Politics of Utopia”, texto publicado na *New Left Review*, Fredric Jameson já questionava se a utopia ainda possuiria uma função social na atualidade (o artigo foi publicado em 2004): “If it no longer does so, then perhaps the explanation lies in that extraordinary historical dissociation into two distinct worlds which characterizes globalization today. In one of these worlds, the disintegration of the social is so absolute — misery, poverty, unemployment, starvation, squalor, violence and death — that the intricately elaborated social schemes of utopian thinkers become as frivolous as they are irrelevant. In the other, unparalleled wealth, computerized production, scientific and medical discoveries unimaginable a century ago as well as an endless variety of commercial and cultural pleasures, seem to have rendered utopian fantasy and speculation as boring and antiquated as pre-technological narratives of space flight”. Cf. JAMESON, F. The Politics of Utopia. *New Left Review*, Londres, n. 25, jan-fev 2004, pp. 35-54.

[...] find in collapse itself, in the aesthetics of collapse, not just an alternative to boom-bust economies, but the possibility that the bust, the collapse, the fall, is telling us something about the unsustainability of this particular mode of capitalism. [...] If we look into the aesthetics of collapse, we see that the alternative is to figure out how to unbuild the world. (HALBERSTAM, 2021)

A intenção se torna, então, reimaginar o mundo no qual vivemos pela via da *desmontagem* das estruturas atuais, dos hábitos e dos agenciamentos, e não pela via da utopia. Essa tentativa, Halberstam a encontra na produção artística dos anos 70, principalmente a de artistas afro-americanos e/ou homossexuais: a partir das fotografias de ruínas dos píeres abandonados em Nova Iorque, Alvin Baltrop escolhe trabalhar com o colapso e não contra ele (figuras 1 e 2). Usar o meio fotográfico para *exibir* a ruína, a *desconstrução* no seu sentido amplo, da arquitetura, significa, para Halberstam, propor uma questão principal: “If high modernist architecture fused spatial order with social control, then the implication is that: in collapsing architectures, can we find a vision of post-control ecologies?” (HALBERSTAM, 2021). É possível encontrar na ruína uma potência de metamorfose direcionada às ecologias do pós-controle — estas que seriam, precisamente, a eliminação das hierarquias arbitrárias?

98



Figura 1: Alvin Baltrop, *The Piers (collapsed)*, n.d. (1975–86)



Figura 2: Alvin Baltrop, *The Piers (exterior)*, n.d. (1975–86)

99

Des-edificar é, precisamente, remover o *homem* da posição privilegiada na hierarquia dos seres, *desumanizar*. A ideia de *unworlding* se direciona, então, à destituição de um sistema de pensamento vigente — opressor e explorador —, para só então outro pensamento passar a ser desenvolvido, que opere de forma verdadeiramente universal, *planetária*, e não a partir de uma pirâmide em cujo topo ocupa uma única espécie. Desse modo, pode-se desenvolver uma rica associação entre a destruição e a utopia: pensar a partir das ruínas e não a partir de uma esperança de reconstrução permite que o indivíduo não se apoie em uma imobilidade expectante, uma vez que é apenas através da visão dos detritos que os novos caminhos aparecem.

A recusa dessa hierarquia tem relação direta com o problema da comunicação e da identificação entre as diferentes formas de vida. Em outra exposição da ideia de *unworlding*, Halberstam entende que o conceito

can mean many things, [...] between humans and animals, it can register the ways in which humans need to let go of their understanding of humanity, walk away from the domestication of animals [...] and invest

in other formulations and configurations of landscape, body, desire, sexuality and transformation. (HALBERSTAM, 2021)

Por isso, a ênfase de Halberstam no trabalho do artista visual contemporâneo Adam Pendleton. Em *Untitled (WE ARE NOT)*, obra executada entre 2019 e 2020, a frase “WE ARE NOT”, em tinta preta, ocupa a integridade da tela em repetidas impressões (figura 3). A expressão da ideia de *unworlding* aparece no trabalho de Pendleton precisamente na tentativa de pensar uma solidariedade que não opere através de regimes de identidade favorecedores do neoliberalismo, mas através da destruição das barreiras: em oposição ao “we are” do identitarismo neoliberal, o “we are not” das naturezas marginalizadas e exploradas.

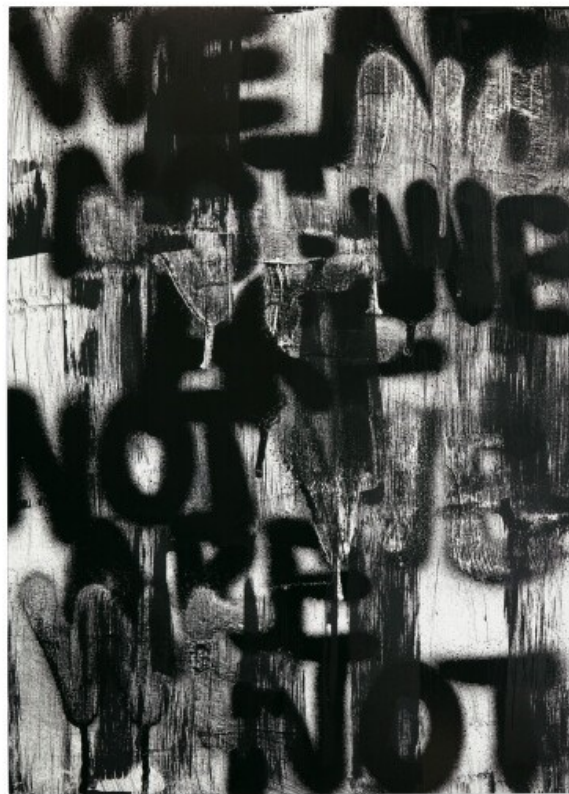


Figura 3: Adam Pendleton, *Untitled (WE ARE NOT)*, 2019–2020

Nesse sentido, a consequência do colapso é a criação de uma possibilidade de transformação e de mudança. A ação de recusa proporcionada pela desassociação de uma identidade previamente estabelecida, homogênea, previne ao homem recorrer a uma “ética da reparação”, como pontua Halberstam. Por isso, considerar a destituição de

um pensamento não é tentar recriar o mesmo mundo, como em um ato de *reconstrução*; é, na verdade, o ato de lidar com a ruína mesma, ou seja, fundamentalmente, deixar de se identificar com uma construção pré-concebida, oferecida por uma sociedade cujos princípios são o consumo e o controle irrestritos.

A partir daí, faz ainda mais sentido a preocupação de Giorgi com uma reconsideração da mimese e do mimetismo na chamada “virada vegetal”: as possibilidades de identificação devem ser expandidas. Ao experimentar novas identidades, reconhecer-se em outras individualidades, é que o sujeito se insere em uma *comunidade*. Ao estabelecer uma relação entre corpos/modos de vida totalmente diferentes, ou seja, celebrar a alteridade, o sujeito “reforça a vasta pluralidade das subjetividades que, no mundo, vivem em contínua transformação, metamorfoseando-se” (GIORGI, 2021, *on-line*). Conviver a partir da identificação mútua, ou seja, da identificação sem essência, é tornar-se, ao mesmo tempo, um só e muitos.

101

Quatro anos após a publicação do importante *La vie des plantes*, Emanuele Coccia, ainda se dedicando ao seu próprio pensamento planetário, publica *Métamorphoses*, livro em que trabalha com a ideia de que a continuidade do mundo e da vida se dá a partir de uma constante transformação dos seres, transformação essa que permite, além da disseminação das formas de vida pelo planeta, uma conexão inesgotável — e, mais importante, interespecie.

Consequentemente, a metamorfose entendida por Coccia tem como prerrogativa a desvinculação de uma razão teleológica:

Pensar na relação entre essa multiplicidade de formas em termos de metamorfose, e não em termos de evolução, progresso ou de seus opostos, não é apenas libertar-se de qualquer teleologia. Isso significa também, e acima de tudo, que cada uma dessas formas tem o mesmo peso, a mesma importância, o mesmo valor: a metamorfose é o princípio da equivalência entre todas as naturezas e o processo que produz essa equivalência. (COCCIA, 2020, p. 19)

Mais do que recusar o pensamento do progresso, a noção de metamorfose recusa aquele humanismo privilegiado pela hierarquia das espécies. Se a metamorfose é o “princípio da equivalência entre todas as naturezas”, isso se deve ao fato de ser responsável pelo estabelecimento de uma continuidade capaz de ligar todos os seres, todas as naturezas. A partir dessa premissa, o *homem* não é mais do que uma constante transformação de todas as formas de vida, o que coloca em evidência a individualidade e a multiplicidade inerentes, concomitantemente, em todas essas formas.

Como se sustenta, então, essa epistemologia da metamorfose através do apoio do conceito de *unworlding* e do pensamento vegetal? Coccia explica que a metamorfose está distante tanto do ato de *conversão* quanto do ato de *revolução*. Para o filósofo, na conversão, o sujeito muda *sem* o mundo, sob o estabelecimento de uma nova identidade fictícia; na revolução, o mundo muda *sem* o sujeito, pois, por ser a forma de mudança por excelência da técnica, o sujeito pensa a relação com o mundo como uma tentativa de “transformar a realidade no seu próprio espelho” (COCCIA, 2020, p. 63). Em outras palavras, Coccia sintetiza, a partir dessa distinção, as premissas de um pensamento do colapso e da diversidade:

102

O casulo não é um instrumento de projeção de si fora dos limites do corpo anatômico. Ele corresponde, ao contrário, à construção de um limiar onde todas as fronteiras e identidades — tanto as do eu como as do mundo — são suspensas de maneira temporária. Ele é o quiasmo que faz do mundo o laboratório de gênese do eu, e do eu a matéria mais preciosa do mundo, aquela que não para de transformá-lo. (COCCIA, 2020, p. 64)

Suspensão de fronteiras e recusa da essência: não há transformação sem uma relação entre os seres e o mundo pois, entre eles, existe o compartilhamento constante de uma experiência da mudança. A “arte de construir casulos” ou “infâncias futuras”, como Coccia define o trabalho da metamorfose, não exclui a técnica, mas a utiliza como forma de “desfazer-se de sua própria natureza, transformá-la por dentro e não projetá-la externamente” (COCCIA, 2020, p. 90).

O ato da metamorfose não se afasta, portanto, da noção de *fitoescrita* apresentada por Evando Nascimento. A literatura, removida de sua associação tradicional, pela crítica, com o humanismo de visão teleológica,

mostra-se voltada, de forma rizomática, para — e atravessada por — todas as formas de vida. Enxerga-se, na “literatura enxertada” — a literatura que se desdobra para além de fronteiras e restrições expressivas —, o mesmo movimento disseminador das plantas e, de forma contrária, enxerga-se, nas plantas e nos seres não-humanos, a mesma capacidade metamorfoseante da “escrita floral”. Assim como Coccia percebeu no nascimento (e, conseqüentemente, na metamorfose) a “contração dos tempos: presente, passado, futuro” (COCCIA, 2020, p. 39), um estado localizado no limiar entre a história e o seu fora, a literatura constitui-se da mesma co-presença de tempos distintos, de geografias distintas e de subjetividades distintas. A literatura, especificamente, e as artes, de forma geral, têm a capacidade múltipla de criar a identificação e destruir a identificação, ao mesmo tempo. Dessa forma, não parece ter sido em vão o fato de que o pensamento de Halberstam sobre as possibilidades da desmundialização tenha advindo de uma obra muito específica de Ursula K. Le Guin. Em *Os despossuídos*, romance de ficção científica de 1974, escrito no contexto de tensão geopolítica do final do século XX, seu protagonista declara: “Os que constroem muros são seus próprios prisioneiros. Vou exercer minha própria função no organismo social. Vou derrubar os muros” (LE GUIN, 1978, p. 185).

O casulo, o limiar da metamorfose, é o local onde as identidades e as fronteiras são suspensas. *Desmundializar* é, de certa forma, também inserir-se em um limiar de transformação: não se trata mais de um mundo concebido de forma organizada, hierarquizada e concordante, mas de uma desestruturação que potencializa a transformação através da simultaneidade paradoxal da não identificação e da superidentificação com o próprio espaço.

A “virada vegetal” e a “estética do colapso” são epistemologias possíveis de um mundo pós-pandêmico incapaz de se reconhecer, cindido e em ruínas. As duas se manifestam através do paradigma da metamorfose, como uma resposta ao regime capitalista neoliberal do século XXI: a queda

da superioridade do humano e a produção da equivalência entre todas as espécies. O pensamento vegetal trabalha com “a produção de uma semelhança integrada com o ambiente”, ou seja, ao modificar a hierarquia que ordena as formas de vida, é possível elaborar um pensamento capaz de intervir nas políticas de destruição fomentadas pelo sistema vigente. Quando Giorgi afirma que “é preciso que a ecologia nos forneça a chave de um mimetismo potente em termos de crítica e de criação de alternativas, um modo de produção da vida comunitária sempre situado em condições específicas de coexistência” (GIORGI, 2021, *on-line*), está em questão a necessidade de uma forma de pensar que rompa com uma estrutura que já não funciona mais, e que não perceba o motivo ecológico apenas como um rótulo temático vazio. A sugestão de Giorgi, imergir-se no outro — ou, nas palavras de Esposito, estar em comunidade — é uma das maneiras de romper com as barreiras de identidade. Tanto a identificação irrestrita, como no pensamento vegetal, ou a recusa completa da identificação, como postula o *unworlding* de Halberstam, são tentativas de *criar alternativas*.

104

Tanto a identificação irrestrita quanto a recusa da identificação têm como consequência uma transformação: o pensamento da *imersão* e da *co-penetração* das plantas — simulado, por sua vez, pela escrita descentrada, como afirma Nascimento — estimula uma relação não exploratória do homem com o mundo, uma vez que há o esforço de perceber as naturezas como *geminadas*, nas palavras de Coccia, e o *homem* como um ser atravessado por essas naturezas, constituído por elas. Por outro lado, a recusa da identificação — própria do experimental, do marginal — permite que haja uma resposta a um sistema inerte e debilitado, já que o *homem* passa a se perceber não como um sujeito passivo, mas como parte constitutiva do mundo, reconhecendo, como Yuk Hui apontava, o seu *local*.

Convém trazer à discussão, ainda, a obra de outra artista norte-americana da década de 1970. O trabalho de Beverly Buchanan, também comentado por Halberstam em outros desenvolvimentos da mesma teoria do *unworlding*, é necessário para compreendermos como um pensamento da destituição e da não-identificação pode ser, ao mesmo tempo, um pensamento *produtivo*. Ao final da década de 70, Buchanan produziu uma série intitulada “Wall Fragments” ou “Frustulum”, do latim “pedaço”,

“fragmento”. Esses fragmentos são, especificamente, pedaços de cimento fabricados improvisadamente através de moldes de tijolos e madeira (figura 4). Sobre essa série, Buchanan escreveu um pequeno depoimento:

Each piece is meant to stand alone and at the same time maintain its integrity; each one must support itself esthetically. My interest in walls involves the concept of urban walls when they are in various stages of decay; walls as part of a landscape. Often, when buildings are in a state of demolition — one or two structural pieces (Frustula) stand out that otherwise, never would have been “created”. This state of demolition presents a new type of “artificial” structural system piece that by itself (its undemolished state) would not exist. These “discards” or piles of rubble can be pulled together to form new systems. (BUCHANAN, 2015, p. 46)

Buchanan apresenta a ideia de um edifício em decomposição como o local da criatividade: apenas através da ruína é que o acaso trabalha a favor da criação. A artista não está interessada na recuperação ou na restauração de um estado precedente, intacto, e, sim, nas possibilidades que o estado destrutivo oferece. O pensamento de Beverly Buchanan trabalha a metamorfose a partir do detrito: é o que já está destruído que fomenta a chance do novo. É a ruína como uma forma de produção, a demolição como ato criativo.



Figura 4: Beverly Buchanan, *Wall Fragments*, 1978

Da mesma forma, desenvolver uma conexão com o próprio mundo é lidar com o seu estado de ruína. Inventar um pensamento da metamorfose, seja através da recusa da ontologia positivista, inspirada pela reflexão do modo de viver das plantas ou, ainda, pela transformação do escombro em arte, é fazer com que o sujeito direcione o seu olhar para a terra, para a *localidade*, para o seu tempo e não para um futuro irrealizável de reconstrução; é conseguir, de fato, enxergar as fissuras e as fraturas do Real do capitalismo, longe das suas representações utópicas.

Cerca de um ano antes do início das medidas de contenção acarretadas pela Covid-19, Boaventura de Sousa Santos publicou um artigo intitulado “Stay Baroque”, no qual defendia um “pensamento pós-abissal”, capaz de confrontar o poder hegemônico do pensamento moderno ocidental. Essa “epistemologia a partir das consequências”, como interpretou Raul

Antelo em uma conferência do mesmo ano⁵, fundamenta-se em um pensamento que é direcionado para além da dicotomia metrópole/colônia, um pensamento que nasce das lutas anticapitalistas, anticoloniais e antipatriarcais. A epistemologia a partir das consequências — não seriam as epistemologias da metamorfose também epistemologias a partir das consequências? — torna a experiência legível e a justiça possível, é constituída de uma estrutura barroca “whose turbulent energies move margin to center, figure nonlinearity, and subvert hierarchy” (SANTOS, 2018, *on-line*). Sousa Santos condensa, na frase derradeira de seu artigo, o potencial de um pensamento que subverte as hierarquias: “Only in this way can ruins be converted into seeds”. Transformar as ruínas em *sementes*: enxergar, na destruição, o poder da metamorfose.

⁵ Cf. ANTELO, R. Pensar a América Latina em seus limites. In: NATUREZA, A.; NUNES, K. (orgs.) *Escovar a história a contrapelo*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

REFERÊNCIAS:

COCCIA, E. *Metamorfoses*. Tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

ESPOSITO, R. *Comunidad, inmunidad y biopolítica*. Tradução de Alicia García Ruiz. Barcelona: Herder Editorial, 2009.

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Tradução de Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2002.

GIORGI, A. de V. A virada ecológica: entre a mimese e o mimetismo. *Revista Movimento*, São Paulo, dezembro de 2021. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2021/12/a-virada-ecologica-entre-a-mimese-e-o-mimetismo/>. Acesso em fevereiro de 2022.

HALBERSTAM, J. *An Aesthetics of Collapse*. Columbia University, 2021. Vídeo (84 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=87Y2wRr3hXg>. Acesso em fevereiro de 2022.

HUI, Y. For a Planetary Thinking. *e-flux*, Nova Iorque, n. 114, dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/114/366703/for-a-planetary-thinking/>. Acesso em fevereiro de 2022.

LE GUIN, U. K. *Os despossuídos*. Tradução de Danilo Lima de Aguiar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BUCHANAN, B. Wall Fragments — Series Cast in Cement. In: MCARTHUR, P. STATON, J. B. *Beverly Buchanan (1978-1981)*. Cidade do México: Athénée Press, 2015.

MORIN, E. Eloge de la métamorphose. *Le Monde*, 9 de janeiro de 2010. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/01/09/elogue-de-la-metamorphose-par-edgar-morin_1289625_3232.html. Acesso em fevereiro de 2022.

NASCIMENTO, E. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SANTOS, B. de S. Stay Baroque. *Artforum*, Nova Iorque, verão de 2018, vol. 56, n. 10. Disponível em: <https://www.artforum.com/print/201806/boaventura-de-sousa-santos-on-postabyssal-thinking-75522>.

Resumo: O Real do capitalismo, segundo Mark Fisher, aparece nas fraturas da realidade, ou seja, especificamente ali onde se instala a ruína, a destruição, a devastação. Nesse sentido, uma das maneiras de tornar visíveis essas fraturas é a construção de novas formas de pensar, que levem em conta tanto a potência dessa ruína em oposição a uma utopia da reconstrução, quanto a percepção de outras possibilidades de identificação entre os seres vivos. Nos últimos anos, dois conceitos se integraram nesse esforço: o *unworlding*, recuperado por Jack Halberstam, percebido principalmente na fotografia dos anos 70, e o *pensamento vegetal*, reconhecido por Evando Nascimento na literatura brasileira contemporânea. Portanto, esse trabalho se propõe a reconhecer, na produção artística, a capacidade de estabelecer uma *epistemologia da metamorfose*: o desenvolvimento de uma reflexão capaz de enfrentar o chamado *realismo capitalista*.

Palavras-chave: *Unworlding*. Pensamento vegetal. Metamorfose. Literatura. Artes.

Abstract: The Real of capitalism appears, according to Mark Fisher, in the fractures of reality, that is, specifically where ruin, destruction and devastation live. In that regard, one of the ways to make visible these fractures is to build new means of thinking, ones that take into consideration the potential of this ruin as opposed to a new utopia of reconstruction, as well as the perception of other possibilities of identification between living beings. Recently, two concepts joined this effort: *unworlding*, noticed by Jack Halberstam specially in the 1970's photography, and the *plant thinking*, recognized by Evando Nascimento in contemporary Brazilian literature. Therefore, this essay aims to recognize, in artistic production, the capacity to establish an *epistemology of metamorphosis*: the development of a reflection capable to confront the so-called *capitalist realism*.

Keywords: *Unworlding*. Plant thinking. Metamorphosis. Literature. Arts.